

## REFORÇO LIVRE

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI<sup>1</sup>

### Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento Campinas - SP

Segundo Skinner (1948, 1999, p.570) “Dizer que um reforço é contingente a uma resposta pode significar não mais do que ele se segue a uma resposta... condicionamento ocorre presumivelmente por causa da relação temporal apenas, expressa em termos da ordem e proximidade da resposta e do reforço.”

#### Evidências experimentais: experimento I <sup>2</sup>

Pombo é privado de alimento até 75 % do seu peso quando tem livre acesso ao alimento. Se um relógio é acoplado ao alimentador de forma a apresentar o alimento a intervalos regulares durante 5 segundos, *sem nenhuma relação com qualquer comportamento do sujeito*, ocorre condicionamento operante. Em seis de oito casos, as respostas resultantes foram tão claramente definidas que dois observadores puderam concordar perfeitamente na contagem de suas ocorrências. Com exceção de um padrão de comportamento, todos os demais eram emitidos em determinado local da gaiola experimental, o que revelou que o efeito do reforçamento foi condicionar o pombo a responder a algum aspecto do ambiente e não simplesmente executar uma série de movimentos. O efeito parece depender da frequência do reforçamento. Em geral, espera-se que quanto mais breve o intervalo entre reforços, mais rápido e mais marcante o condicionamento. Séries de 100 fotos tiradas dois segundos após a retirada do alimentador mostraram que o pombo apresentava um comportamento razoavelmente uniforme: ficava na mesma localização na gaiola, perto do alimentador, e provavelmente orientado em direção da parede onde estava o alimentador ou girando para um lado ou para outro. Uma centena de fotos tiradas após 10 segundos, por outro lado, mostraram o pássaro em várias localizações dentro da gaiola, respondendo a muitos diferentes aspectos do ambiente. Quanto mais rapidamente aparecer um segundo reforço, portanto, mais provável que o segundo reforço responda que será semelhante à primeira e também que ambas terão uma de poucas formas padronizadas. Outra razão para a maior eficácia de intervalos breves é que, quanto mais longos os intervalos, maior o número de respostas intervenientes emitidas sem reforço. O efeito de extinção cancela o efeito de um reforço ocasional. Um intervalo de 15 segundos é um período muito eficaz para o nível de privação usado com pombos. Depois que uma resposta foi instalada, então o intervalo entre reforços pode ser aumentado. Num caso foi aumentado para 2 minutos e a alta frequência de respostas se manteve sem sinais de enfraquecimento. Em outro caso, muitas horas respondendo foram observadas com um intervalo de 1 minuto entre reforços.

Neste último exemplo, ocorreram algumas mudanças na topografia da resposta, mas o padrão predominante produziu uma curva de respostas acumuladas com características produzidas por reforçamento intermitente de intervalo fixo: o pombo não respondia imediatamente, mas entre 10 a 20 segundos após o reforço aumentava a frequência de respostas até o próximo reforço. Foi possível obter uma curva de extinção quando o comedouro não foi mais acionado. Foram registradas mais de 10 mil respostas até o critério de poucas ou nenhuma resposta ser emitida em intervalos de 10 a 15 minutos. Quando o relógio foi religado e o

<sup>1</sup> Maio/2015; revisto em maio/2016.

<sup>2</sup> Skinner, B. F. (1948, republicado em 1999). “Superstition” in the pigeon. Em B. F. Skinner (1999). *Cumulative Record – definitive edition*. Copley Publishing Group. Acton: Massachusetts.

comedouro voltou a funcionar, houve um recondicionamento de resposta prévia. Quando foi submetida a segundo processo e novo procedimento de recondicionamento, foi instalada uma nova resposta, e a resposta prévia não reapareceu (para evocá-la precisaria ser usado procedimento de modelagem).

“O experimento, pode-se dizer, demonstrou um tipo de superstição. O pássaro se comportou como se houvesse uma relação causal entre seu comportamento e a apresentação do alimento, embora tal relação não existisse.” (p. 573)

“Não se pode dizer, porém, que o comportamento condicionado foi instalado sem qualquer contingência de alguma forma determinada previamente. Quando ajustamos o relógio para apresentar alimento a cada 15 segundos, estamos de fato baseando nosso reforçamento sobre um conjunto limitado de respostas, o qual ocorre, frequentemente, 15 segundos após o reforço. Quando uma resposta foi fortalecida (e para tal pode bastar um único reforço), a programação do relógio implica em uma contingência ainda mais precisa...” [No caso do jogador de boliche] “o movimento subsequente do jogador [movimentos supersticiosos após arremessar a bola] pode não ter efeito sobre a bola, mas o comportamento da bola tem efeito sobre o jogador. A contingência, embora não seja perfeita, é suficiente para manter o comportamento fortalecido.” (p. 574)

### **Evidências experimentais experimento II <sup>3</sup>**

“Acidentais, não obstante eficazes, relações podem emergir no controle *sensorial* de comportamento operantes. Por exemplo, um estímulo presente quando uma resposta é reforçada pode adquirir controle discriminativo sobre a resposta, mesmo que sua presença durante o reforçamento seja adventícia. Suponha, por exemplo, que um organismo está respondendo numa frequência moderada em um esquema intermitente de intervalo variável e um estímulo incidental (A) ocasionalmente aparece por um breve período. Embora não haja nenhuma relação temporal explícita entre o aparecimento de A e o programa de reforçamento, uma resposta será ocasionalmente reforçada na presença de A. [...] Um organismo que seja sensível a pequenas diferenças na frequência de reforçamento formará uma discriminação: a frequência de respostas na presença de A será maior que na ausência de A. Isso pode ser chamado de superstição sensorial positiva. Se, por outro lado, o reforço aparece de forma relativamente infrequente na presença de A, ocorrerá uma discriminação na direção oposta, resultando numa frequência de respostas na presença de A relativamente baixa, um tipo de superstição sensorial negativa.”

### **Reforçamento livre em situações cotidianas**

As três frases que se seguem servirão de referências para a discussão do tema. Assim:

1. Não existe bem; não existe mal. Existem contingências de reforçamento que produzem *funções* de bem e mal;
2. Consequências têm que ser produzidas por comportamento. Assim nos tornamos *sujeitos* de nosso destino;
3. Consequências selecionam comportamentos. Assim nos tornamos *objeto* de nosso destino.

---

<sup>3</sup> Skinner, B. F. e Morse, W. H. (1957, republicado em 1999). A second type of “superstition” in the pigeon. Em B. F. Skinner (1999). *Cumulative Record – definitive edition*. Copley Publishing Group. Acton: Massachusetts.

## Aniversário Fernando Pessoa

**“No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,  
Eu era feliz e ninguém estava morto.  
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos  
E a alegria de todos, e a minha, estava certa como uma religião qualquer.  
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,  
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,  
De ser inteligente para entre a família,  
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.”**

Condições em que prevalecem apresentação de *reforço livre* são aquelas em que o reforço positivo é apresentado sem nenhuma relação de contingência de reforçamento (CR) sistemática; o reforço é contingente à presença da pessoa e não à emissão de determinados comportamentos pré-selecionados. Assim, por exemplo, a mãe traz o suco favorito para o filho de quatro anos simplesmente porque “já faz muito tempo que Junior não come nada...” Coincidentemente, ele está com o pé sujo apoiado no sofá e com o dedo na boca! A mãe simplesmente deu-lhe um reforço sem atentar para nenhuma relação de contingência entre os comportamentos do filho (quaisquer que tenham sido eles, desejados ou indesejados) e o estímulo ou evento que ocorreu temporalmente logo em seguida numa relação contígua. Tal episódio comportamental mostra como se pode fortalecer comportamento emitido por Junior inadvertidamente. Sob tais condições, a pessoa desenvolve padrões comportamentais e emocionais que podem ser considerados desejados a curto prazo (enquanto a pessoa é criança, por exemplo), mas que passam, em outros contextos ou com o avanço da idade, a serem considerados indesejados pelos membros da comunidade socioverbal próxima (família, escola etc.) e por pessoas que interagem com o indivíduo em ambiente de trabalho, em lugares públicos etc. Assim, dar presentes não contingentes para uma criança pode ser reforçador para o adulto que se satisfaz com a reação de espanto do garoto, ou que acha criativa a reação da criança de desmontar incontinentemente o presente “para ver o que tem dentro...” A criança, agora adulta, exige roupas de grife, um carro surpreendente, cartão de crédito sem limite... simplesmente pelo fato de existir – sem se comportar para produzir o privilégio que deseja -, indiferente às possibilidades financeiras dos pais ou aos desejos deles de lhe dar o que quer... Agora o adulto não desmonta mais o brinquedo, mas detona o carro num racha irresponsável pela sensação de “ver o que acontece”! O fato de que os pais passam a avaliar os comportamentos do jovem-adulto como indesejados, bem como as consequências, em geral danosas, que os comportamentos dele produzem, não influenciam, necessariamente, a avaliação que o filho faz do seu próprio comportamento. Pelo contrário, na maioria das vezes passam a ser assunto para animar as conversas com os amigos, por meio de narrativas teatrais, nas quais o vilão é o herói do espetáculo!

Eventualmente, a própria pessoa pode tomar consciência de que seu repertório comportamental é fonte de dificuldades e sofrimentos. Pode, até mesmo, lamentar que assim seja! Em geral, quando o repertório comportamental, mesmo que indesejado por um grupo de pessoas do convívio do indivíduo, produz reforços sociais provindos de nichos particulares de “amigos”, por exemplo, a consciência dos déficits e excessos comportamentais pode não ocorrer (pelo menos enquanto durar o poder da pessoa, como nos exemplos do parágrafo anterior. O poder exerce um controle mais forte sobre os comportamentos dela do que as consequências sociais vindas de um meio social próximo). Se, no entanto, com o passar do tempo, a pessoa fica alijada dos reforços porque o grupo social que mantinha seu repertório comportamental se esvaneceu e não há fontes alternativas de reforços, os déficits e excessos comportamentais excluem a pessoa de qualquer contexto social outro, diferente daquele que se perdeu. Não há

mais esperança; instala-se o desespero, a falta e perspectiva e a dependência do outro se escancara, uma vez que já não mais está disponível o alguém a quem se agarrar. O quadro psicológico mais provável é a depressão.

**“Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.**

**Quando vim a olhar para a vida, perderei o sentido da vida.**

**Sim, o que fui de suposto a mim mesmo,**

**O que fui de coração e parentesco.**

**O que fui de serões de meia-província,**

**O que fui de amarem-me e eu ser menino,**

**O que fui – ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...**

**A que distância!...**

**(Nem o acho...)**

A citação que se segue dá um alerta sobre os malefícios que tal prática parental pode ter para a pessoa e para o grupo social: **“Ajudar quem não pode ajudar a si mesmo fortalece uma cultura, mas ajudar quem pode ajudar a si mesmo a destrói.”** (Skinner, 1987, *Upon further reflections*, p. 42)

O exemplo apresentado – em que alguém dá coisas para o outro – é apenas uma das possibilidades em que opera o reforço livre. Não é necessário viver num ambiente de abundantes bens materiais para manejar de forma perigosa os reforços positivos disponíveis. Assim, uma família que cerceia as iniciativas da criança para fazer coisas, que usa excessivos elogios e aprovações – desconectados de relações de contingências de reforçamento construtivas – também faz mal... veja a diferença que fará para o desenvolvimento de um indivíduo quando lhe *trazem* o leite com chocolate e quando a mãe diz: “Você sabe onde está o leite e o chocolate. Saia da frente do *tablet* e vá até a cozinha preparar o que você quer...” Na primeira alternativa cria-se um ser dependente; na segunda, há CR para desenvolver uma pessoa com iniciativas e capaz de produzir seus próprios reforços. Na mesma direção, quando “os de casa” valorizam capacidades do garoto: “Ele é muito inteligente, entende toda a trama que se desenvolve na novela...”, mas o menino não faz a lição de casa sozinho, precisa de alguém ao seu lado para levá-lo à razoável compreensão de um texto escolar, não estão, na melhor das hipóteses, levando-o a usar suas capacidades. Os pais podem valorizar demasiadamente o discernimento que o filho – assim eles pensam – tem da realidade social. Falam para o filho frases de incentivo: “Você é mesmo muito perspicaz. Suas críticas sobre as verdadeiras razões que mantêm o relacionamento entre as pessoas são precisas. Pouca gente tem a capacidade de ver – como você – relações hipócritas e inconsequentes.” Embora, eventualmente, os comentários do filho mereçam reconhecimento, os pais consequenciam o padrão comportamental de criticar, sem ficarem sob controle discriminativo de comentários pertinentes. Adicionalmente, não há reforçamento diferencial; os pais não ensinam o filho a ficar sob controle de comportamentos desejados do outro. O filho não deve aprender apenas a criticar, mas também a valorizar o outro, discernir que se faz necessária tolerância em relação às diferenças. Se os pais não estão atentos a este ponto, serão eles, no futuro, também vítimas de críticas generalizadas do filho, que se tornará crítico dos comportamentos dos próprios pais e passará a se opor a eles. Virá a ser uma pessoa intolerante com aqueles que o cercam e a se esmerar em apontar as falhas do outro sem o devido equilíbrio entre comentários construtivos e depreciativos. Passará a viver isolado, sofrendo reveses de rejeição, incapacitado para estabelecer relações afetivas genuínas e duradouras. E o mais preocupante: convicto de que está certo em agir assim. Aliás, foi o único repertório de comportamentos de interação social que aprendeu! Similarmente, num outro exemplo, os pais comentam orgulhosos que o filho desmontou o equipamento de som... “Ele é muito curioso e habilidoso; desmontou o ‘som’... tem vocação para ser engenheiro... se interessa

pelo funcionamento das coisas”, mas, quanto às perguntas: “E o que ele fez em seguida?... Montou o equipamento novamente? O aparelho voltou a funcionar?”, a resposta provavelmente será: “É muito criança para isso. Tudo lá num canto do quarto. Já falei para o pai dele levar para consertar...” Mais exemplos em que a descrição de capacidades e habilidades do filho não corresponde à emissão de comportamentos que completam um necessário e essencial encadeamento de respostas, o qual pode ser resumido em: fazer o necessário, até que os comportamentos emitidos produzam reforço natural sem necessidade da intermediação de outra pessoa.

A comunidade socioverbal não tem consciência de que foi ela que instalou e mantém os padrões comportamentais agora avaliados como indesejados e, como tal, insiste em apontar aquele, cujo comportamento ela critica e lamenta, como indolente, acomodado, fraco, desmotivado, irresponsável, deprimido. *Seu próprio produto é culpado de ser um mau produto!* Por outro lado, a própria pessoa, envolta no esquema de reforçamento livre, não avalia, necessariamente, que esteja vivendo de uma maneira que lhe pode ser danosa. Tal alienação do indivíduo se caracteriza pela permanência na condição comportamental e emocional em que se encontra, alheio às consequências adversas que virão a médio-longo prazo. A alienação referida não é uma escolha em relação a um estilo de vida, mas fruto das CR em operação, cujas funções imediatas lhe convêm. As consequências adversas só aparecerão a médio-longo prazo e, como tal, são ainda desconhecidas naquele momento. Mesmo que o indivíduo venha a ser alertado sobre a possibilidade de danos futuros, tais previsões são ignoradas. As principais características comportamentais, emocionais e afetivas, que se instalam e se mantêm no indivíduo exposto a reforços livres de modo frequente, podem ser assim categorizadas:

- a. **Comportamentos supersticiosos** (Skinner, 1948-1959). Os reforços livres ocorrem em contiguidade com determinadas classes de comportamento. Alguns itens dessas classes se fortalecem supersticiosamente e ocorrem com maior frequência. Assim, permanecer em casa no quarto, jogando vídeo game é seguido de consequências reforçadoras, sem que o agente do reforço esteja ciente de qual comportamento está fortalecendo. A mãe, por exemplo, pode dizer: “Você está há muito tempo dentro de casa; por que não sai para tomar sol?”; “Por que não procura algum amigo?” etc. Ela espera que tais frases motivem o filho a fazer algo diferente (sem conhecimento conceitual, ela tem a expectativa de que tais frases funcionem como SD na forma de instruções, que evoquem os comportamentos nelas explicitados). Adicionalmente, pode levar-lhe uma barra de chocolate com um comentário carinhoso: “Para adoçar sua tarde...” Às vezes, é ainda pior. Os familiares não estão conscientes dos danos comportamentais que seus procedimentos podem produzir. “Nosso filho é tão talentoso. Ele passa horas no seu vídeo game... Noto que sua concentração e persistência na atividade são fantásticas... Fico pensando que quando se formar médico vai ser como aqueles cirurgiões que ficam 10, 12 horas numa sala de cirurgia... Nunca entendi como conseguem, mas começo a ter uma ideia de como deve ter sido a infância deles...” Tais comentários podem instalar “crenças” supersticiosas no filho, tais como: “Vou ser cirurgião quando crescer; meus pais sabem das minhas capacidades...” Pensar assim não é o problema; não adquirir o repertório comportamental para tornar realidade pensamentos como esse é o problema!

**“O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!  
O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,  
Pondo gelado nas paredes...  
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas),  
O que eu sou hoje é terem vendido a casa,  
É terem morrido todos,  
É estar eu sobrevivente a mim mesmo como um fósforo frio...”**



Tais interações da mãe (e de pessoas significativas para o desenvolvimento do garoto) – quer ela o queira ou não – se restringem ao que são: consequências socioafetivas verbais não contingentes a comportamentos desejados e não adquirem funções de estímulo discriminativo evocador de comportamentos de se engajar em outras atividades. O que ela *diz* não influencia o filho a se comportar como a mãe o deseja; o que ela *faz*, em geral incompatível com o que diz, tem poderosa influência sobre os padrões comportamentais que o filho virá a apresentar. Ele não vai sair do quarto, não vai se engajar em atividades de lazer fora de seu reduto, isolado se contenta com o isolamento, seus “amigos” são os parceiros de jogos, as atividades esportivas ao ar livre lhe são estranhas. O filho permanece fazendo mais do mesmo. A pobreza de variabilidade comportamental não cria possibilidades para a mãe reforçar diferencialmente novos padrões comportamentais e o filho não se comporta de maneira a produzir outros reforços. Suas palavras terão efeitos nulos... ela continuará dizendo as mesmas coisas, o filho continuará ignorando as frases da mãe, ela continuará fazendo por ele e o valorizando, alheia aos comportamentos que ele continuará emitindo. A citação que se segue se integra de maneira apropriada ao que se está discutindo. **“Quando se dá às pessoas o que necessitam, sem importar o que elas estão fazendo, elas permanecem inativas.”** (Skinner, 1969, *Contingencies of Reinforcement*, p. 37)

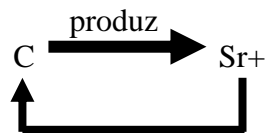
Assim, enquanto a família mantém as condições de liberar reforços livres, sem se questionar e sem exigir mudanças no filho, este se justifica com frases e pensamentos (comportamentos supersticiosos) tais como “Eu mereço o que recebo”; “Meus pais fazem assim porque querem”; “Estou vivendo muito bem, para que me preocupar?” etc. Se, no entanto, a família tenta mudar as condições, então surgem outros padrões comportamentais, tais como. “Eles têm obrigação de me dar aquilo que quero ou a que tenho direito”; “É obrigação das pessoas fazerem isso por mim”; “Não entendo porque minha mãe fica pegando no meu pé”; “Meus pais mudaram...”; “São incoerentes: ora me dizem uma coisa, ora dizem outra...”; “Nem meus pais se entendem...”; “Estou cansado de ouvir suas filosofias...” etc. Pensamentos ou autorregras, dados como exemplos, distorcem a natureza das relações interpessoais e estabelecem uma relação de controle desigual: o doador (a mãe no nosso exemplo) fica sob controle do outro (do filho, no caso), daquele que espera ou que exige ganhar... Tal relação, adicionalmente, pode produzir interações conflituosas: uma vez que o doador não está mais disposto a ceder, ocorrem brigas, discussões, a partir das quais ocorre um confronto de controle e contracontrole, no qual o doador em geral acaba cedendo e, desta forma, mantém o poder do controlador (o filho, neste caso, adquire um poder que lhe é outorgado pela submissão da mãe). Nesta interação de controle, o filho passa a emitir também comportamentos supersticiosos em relação às suas próprias capacidades: “Eu sou capaz de fazer... Só não faço porque estou ‘sem energia’, porque não estou a fim de...”, o que resulta em uma pessoa com déficits importantes de comportamentos, mas inconsciente de suas próprias limitações. Torna-se dependente do ambiente social restrito onde vive, sem reconhecer tal dependência, uma vez que o comportamento de exigir aquilo que supõe ser seu direito é um comportamento de esquiva bem sucedido: não testa no cotidiano a ausência de comportamentos para produzir – ele próprio – os reforços. Para pessoas nessas condições, ganhar *não equivale* a produzir, desdenhando uma evidência fundamental: são seus comportamentos de *exigir* de uma comunidade social restrita, que produzem aquilo que quer. Não está ciente, no entanto, que tais comportamentos não terão a mesma função num ambiente social diferente, no qual seu poder de controle sobre as pessoas pode ser nulo!

Tal *discriminação* entre o grupo social, sobre o qual a pessoa tem controle, e outros grupos sociais, sobre os quais tal controle não acontece, não se estabelece. Ocorre uma generalização que, quando for testada se mostrará irreal, qual seja: “Todas as pessoas (ou a maioria delas) me servirão!”; “O simples fato de eu existir e ter desejos me garante acesso

ao que quero...”. Tal generalização, que se expõe como uma autorregra disfuncional, é mais um exemplo de comportamento supersticioso. Eventualmente, a pessoa entra em confronto com outros grupos sociais, nos quais as pessoas não se curvam ao controle egoísta que foi fortalecido no seio familiar. Ocorre, então, uma discriminação em relação às consequências de seus comportamentos: “Às vezes posso; às vezes não posso!” Mas mesmo esta condição social que poderia estabelecer um comportamento discriminativo, resumido na frase: “Com minha família sou poderoso, dão tudo aquilo que quero; no meu trabalho nada me é dado; tenho que me comportar das formas esperadas, de acordo com as normas do contexto profissional, para produzir o que quero”, não é suficiente para instalar a discriminação. A pessoa tende a fazer julgamentos depreciativos sobre aqueles que não se deixam controlar pelos caprichos e exigências dela: “Eles não gostam de mim porque tenho mais que eles”; “Eles são de outra tribo, por isso me excluem”; “Não nasci para ser empregado...”; “As pessoas são preconceituosas...”; “Esta empresa escraviza seus funcionários...” etc. A pessoa que assim pensa e assim age se comporta de forma sensorial no ambiente social em que vive: “É bom o que é bom *para* mim; é mau o que *não é bom para mim!*” As CR que regulam as interações sociais lhe são indiferentes; seus comportamentos são governados por regras e autorregras supersticiosas e não são influenciados pelas consequências sociais que produzem. Ter prevalece sobre ser. A citação de Skinner que se segue aponta para os malefícios de priorizar o bom: “**Nem a felicidade, nem a sobrevivência do grupo dependem de satisfação derivada de ter coisas.**” (Skinner, 1978, *Reflections on Behaviorism and Society*, p. 47)

A questão que deveria ser feita diz respeito aos sentimentos de uma pessoa nessas condições. Quando o bem-estar de alguém depende diretamente dos comportamentos daqueles que a cercam, a resposta mais provável é que ela não pode se sentir bem, pois se comporta o tempo todo se esquivando-fugindo do perigo de perder as pessoas que lhe dão abrigo: a satisfação de ganhar é fugaz; a ansiedade por perder é perene. “**Os homens são felizes em um meio ambiente no qual o comportamento ativo, produtivo e criativo é reforçado de forma efetiva.**” (Skinner, 1969, *Contingencies of Reinforcement*, p. 64). Ou seja, interações de dependência, regidas por regras e autorregras supersticiosas, produzem sentimentos adversos.

- b. **Sentimentos e comportamentos de autoconfiança e de autoestima distorcidos.** Tal pessoa tem acesso aos reforços por duas vias: porque lhe são dados espontaneamente ou porque exige que lhe dêem. Na primeira condição, surge uma relação distorcida da realidade: aquilo que obtém *não é produto* de seus comportamentos. Fere-se, assim, o paradigma operante:



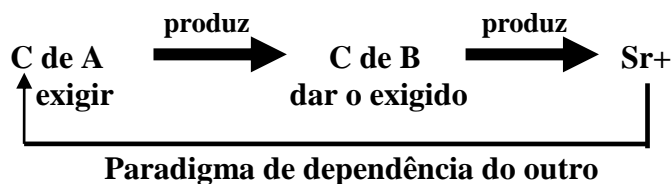
Tal paradigma é substituído por outro, como se segue:

qualquer C **é seguido por** Sr+ (notem a falta da seta)

Desta maneira, há um déficit generalizado crônico de comportamentos, o qual, em geral, não é percebido. A pessoa não está consciente de que o acesso aos reforços se dá pelo fato de

ele, tão somente, *existir* em determinado e restrito ambiente social (em geral a família) e não através de *comportamentos* que produzem consequências específicas. Surgem, assim, *sentimentos* de autoconfiança (que são exagerados e irreais) desconectados de *comportamentos* de autoconfiança (que são precários ou inexistentes).

Na segunda condição, comportamentos de exigir de pessoas de seu grupo social restrito que lhe dêem o que quer, produzem as consequências (trata-se de um padrão compatível com o paradigma operante); no entanto, emitir tais comportamentos não significa ter habilidades para produzir as consequências, *independentemente de outra pessoa*. Assim, por exemplo, a pessoa se veste com as roupas de sua escolha porque assim o exige e é atendido *por alguém*, no entanto, não fazem parte de seu repertório comportamental os elos do encadeamento que se estendem desde produzir o dinheiro para poder comprar a roupa até os elos de ir a uma loja, escolher as roupas que deseja e pagar por elas com dinheiro que produziu. Veja o paradigma que se segue:



**“No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...  
 Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!  
 Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,  
 Por uma viagem metafísica e carnal,  
 Com uma dualidade de eu para mim...  
 Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!  
 Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...  
 A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça, com mais copos,  
 O aparador com muitas coisas – doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado –,  
 As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,”**

Tais versos sintetizam a dor de perder o que se teve e a impotência para reavê-lo por si mesmo!...

Em ambas as condições, a pessoa tem sentimentos de *autoconfiança*, que se confundem com sentimentos de *desejar ter* e, nas duas condições, estão ausentes comportamentos que produzem as consequências, sem a mediação arbitrária feita por outra pessoa. Desta forma, alterada a composição social presente (morte dos pais, por exemplo) a pessoa sente-se desamparada e incapacitada para ter acesso aos reforçadores. Havendo persistência de tais condições no tempo, a pessoa progressivamente passa a ser mais diferente comportamentalmente de outras da sua faixa etária, classe social etc... e, inevitavelmente, se vê como um “pássaro pintado” distinto do seu bando. Inicia-se aí um processo de fuga-esquiva em que a pessoa pode formular uma autorregra alienada, tal como: “Eu sou mais eu...”, que comportamentalmente significa “*se* continuar a me comportar como sempre o fiz, *então* as consequências reforçadoras me serão apresentadas.” Mais parece um pensamento mágico! O fato é que tal autorregra sofre o processo de extinção; comportamentos de esperar por alguém que o reforce ou de solicitar a outro alguém, que não faz parte do grupo que o privilegiava com reforços, se enfraquecem e surgem sentimentos próprios do processo de extinção: raiva, agressividade, desânimo, desespero, depressão etc. A pessoa passa a expressar sintomas, os mais comuns dos quais são: depressão, fobias, ataques de pânico, pensamentos



suicidas, rumações depreciativas sobre o sentido da vida e o significado das pessoas, isolamento social. Justo ele que precisa do social para sobreviver, não consegue se incluir no social. Sem ter, não consegue ser. Todas essas queixas compõem um quadro afetivo e comportamental pouco sensível a intervenções psicoterapêuticas, pois o déficit generalizado de repertório de comportamentos é obstáculo restritivo para a implementação de estratégias psicoterapêuticas.

O que ocorre com os sentimentos de autoestima? Aparecem na forma de autorregas tais como: “Tudo me dão porque me amam”; “Não suportam me ver sofrer”; “Eles têm dinheiro, influência social, poder, isso tudo também me pertence...” etc. No entanto, tais sentimentos não estão associados com comportamentos de autoestima. A pessoa não se ama; para se sentir merecedora do amor, admiração, submissão de qualquer outro, ela precisa de privilégios que lhe são *dados*. Assim, fazem parte das exigências roupas de grifes, carro vistoso, oportunidades para programas sociais que produzem abundantes sensações agradáveis, cartão de crédito (reforços sensoriais) etc., elementos que são arditosamente usados como instrumentos de controle sobre o outro. Não existe, de fato, “Eu me amo”, mas “Eu posso” e estas duas expressões são confundidas. Não existe discriminação, por exemplo, entre duas condições nas interações sociais: “Eu manipulo as pessoas pelo que eu tenho ou demonstro ter” é um pensamento descartado, substituído por “As pessoas adoram minha companhia; me consideram especial...” O indivíduo, na realidade, não testa ser discreto em relação ao que tem; o exibicionismo pode ser conceituado como comportamento de fuga-esquiva, que o protege de entrar em contato com o que aconteceria se as aproximações das pessoas fossem regidas pelo que a pessoa é (como se comporta) e não pelo que ostenta ser. Poder financeiro não é o único instrumento de controle sobre o outro. Há outras fontes de poder: beleza, *status* político, força física, conhecimento, idade etc. As interações sociais devem ser reguladas por CR amenas sem o objetivo de submeter o outro! Tal déficit de discriminação produz um equivocado sentimento de autoestima; adicionalmente, a pessoa possui um repertório de comportamentos de autoestima restrito, pouco ou nada funcional. Comportamentos de autoestima incluem descrições sobre as próprias qualidades, mas devem se ampliar para acrescentar: (a) comportamentos discriminativos: há contextos nos quais se pode expressar as próprias qualidades ou pensar que elas existem e há contextos onde as ditas qualidades podem ter funções reforçadoras para o grupo. Apresentar, neste caso, variabilidade comportamental (deixar de ser governado por regras e ser sensível às contingências de reforçamento em operação) pode ser comportamento de autoestima; (b) comportamentos de autoestima devem incluir ações que resultam em cuidados com a saúde do corpo: alimentar-se de modo apropriado, sem excessos, praticar atividades físicas etc.; é parte da saúde comportamental engajar-se em atividades de lazer, ter uma vida afetiva harmoniosa, trabalhar em atividades que produzam reforços positivos, mesmo sob inevitáveis condições coercitivas amenas, produzir reforços naturais (sem mediação de ninguém).

O relacionamento afetivo com as pessoas que a servem é limitado. A espécie *Homo sapiens* foi selecionada por contingências operantes da classe em que emitir comportamento produz consequência; tal relação não se apresenta na relação entre o indivíduo aqui descrito e seu meio social. Assim sendo, ficam prejudicadas as duas consequências (Skinner<sup>4</sup>, 1985, 1987) do comportamento operante mantido por reforço positivo: *fortalecimento* do comportamento e *prazer-satisfação*, sentimento derivado da relação operante com seu ambiente. *Ter não basta; é necessário se comportar para produzir o que se tem*. Tal pessoa é dependente de outras, por não apresentar suficientes comportamentos que produzem autonomia: não é e nem se sente livre! Tal pessoa não desfruta dos bons sentimentos que decorrem dos comportamentos que produzem reforços positivos, simplesmente porque não os produz.

---

<sup>4</sup> Skinner, B. F. (1985). What is wrong with daily life in the Western World, *American Psychologist*. Republicado em B. F. Skinner (1987). *Upon further reflection*, Prentice-Hall: New Jersey, Englewood, p. 17.

**Burlar a relação operante gera sentimentos de vazio existencial, depressão, sensação de insaciabilidade, fobias, isolamento, desdém pela vida, indiferença às pessoas. Quem tem acesso a privilégios sem se comportar para produzi-los não aprende a se amar, nem a amar o próximo, nem mesmo a amar o que a vida lhe proporciona. Mantém-se basicamente como um organismo que sobrevive; não se transforma significativamente em uma pessoa que se desenvolve.**

A possibilidade de se comportar e, tão somente desta forma, produzir reforços positivos torna o Homem um ser pleno e promove a sobrevivência do grupo social. Cabem duas asserções de Skinner, as quais sintetizam o necessário papel funcional do ser humano como sujeito de sua história e como objeto das consequências que – como sujeito – ele produz: **“O comportamento reforçado positivamente se mostra pela participação ativa na vida, livre de tédio e depressão.”** (Skinner, 1969, *Contingencies of Reinforcement*, p. 5) e **“Um mundo meramente feliz não é suficiente; deve ser um mundo que tenha chance de sobreviver.”** (Skinner, 1983, *A matter of consequences*, p.395)

O que resta àquele que depende de reforços livres quando os autores de sua vida param de se comportar? Os versos que se seguem bem ilustram o desfecho:

**“No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...  
Pára, meu coração!  
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!  
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!  
Hoje já não faço anos.  
Duro.  
Somam-se-me dias.  
Serei velho quando o for.  
Mais nada.  
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!  
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!”**

c. **Indiferença afetiva pelo outro.** Alguém pode lembrar que a associação sistemática entre estímulos pode gerar novas funções de estímulo. Assim, por exemplo, o procedimento pavloviano fez com que o som (previamente neutro para eliciar salivação) associado com alimento adquirisse a função de eliciar a resposta originalmente eliciada pelo estímulo incondicional. Não ocorreria um processo de condicionamento equivalente com a pessoa que é fonte dos reforços livres? Não se tornaria ela necessariamente reforçadora positiva? Sabe-se que no condicionamento operante o SD é também Sr+. Desta forma, não se tornaria ela também um estímulo reforçador condicional para a pessoa que recebe privilégios? Em parte sim... Vamos esclarecer os conceitos envolvidos. As interações sociais apresentadas neste texto são regidas fundamentalmente pelas leis do condicionamento operante (não exclusivamente, convém lembrar!). A pessoa que libera os reforços livres torna-se um SD: a presença dela é a ocasião em que emitir classes de respostas de pedir, de exigir, começar a apresentar queixas, tais como fobias, depressão, mal estar etc. é conseqüenciado pela obtenção dos privilégios desejados, mas, conforme já explicitado anteriormente, a resposta para ser reforçada depende do outro como *mediador*. Ou seja, a relação social estabelecida é de *dependência* de um outro. Surge então uma interação conflituosa: “Dependo de você para ter, logo não sou livre de você”. Decorre daí outro conflito: “Não posso ter tudo que desejo...

porque você não me provê tudo! Logo, você me limita e me frustra!” Esse processo leva a um desfecho que pode ser resumido em: “Gosto de você pelo que me dá; detesto você pelo que me nega”. A interação entre estas pessoas é regida pelas *coisas* que resultam da mediação da interação. Eventualmente, o filho pode afirmar: “Amo meus pais...” Não se trata necessariamente de amor, mas de dependência para alcançar suas necessidades. Enquanto não as preenche, o outro lhe parece ser importante – daí a afirmativa “o amo” –, mas, uma vez satisfeita a necessidade, segue-se o desdém do saciado. Por outro lado, qualquer recusa desperta reações agressivas, exigências enfáticas sem quaisquer manifestações de empatia pelo outro – que lhe nega – ou de compreensão! Neste ponto cabe uma distinção importante: a pessoa doadora torna-se SD para o outro emitir o comportamento de *pedir*, mas não se torna SD para *sentir* afeto por ela que me dá.... Tal condição não produz amor, nem respeito, nem admiração... Em situação de extinção ocorre agressão e desdém por aquele que *foi* (mas deixou de ser) fonte de reforços. *Reconhecimento, gratidão, amor não são modelados em relações de reforço livre!* O que realmente importa é o acesso ao reforço (na verdade qualquer mediador serve desde que tenha desempenho funcional: que gere o reforço. Não importa quem é o “aviãozinho que fornece a droga; importa a droga em meu poder”). Adicionalmente, quando o doador não fica sob controle de nenhuma resposta específica, se antecipa e dá o privilégio, não se estabelece uma relação operante legítima: a pessoa que doa não é SD. Sentir afetos positivos por aquele que me dá acesso a reforços, que se manifestam na forma de amar tal pessoa, ser grato a ela, reconhecer os valores que ela tem, respeitá-la como pessoa, cooperar com ela, desejar estar ao lado dela e sentir-se bem com ela (mesmo quando ela não esta provendo privilégios) é uma classe muito complexa e ampla de comportamentos, os quais precisam ser instalados por CR específicas, muitas das quais resultam no repertório comportamental de terceiro nível de seleção. O mediador do reforço livre quase nunca gera CR que produzem afetos positivos em relação a ele próprio. Esperar que alguém me ame, me valorize, sinta gratidão etc. pelo simples fato de dar-lhe bens é ingênuo. Comportamentos-sentimentos tão complexos como são amar, valorizar (o outro), sentir gratidão etc. precisam ser sistematicamente instalados e mantidos por CR manejados pela comunidade socioverbal próxima do indivíduo. Tais CR *não estão* presentes nas interações caracterizadas pelo reforço livre! Não confunda, portanto: quando alguém recebe algo que lhe é gratificante pode sentir prazer, satisfação, alívio etc. que são *sensações* corporais, mas que se distinguem de *sentimentos*: *sentir* é uma classe complexa de comportamentos, instalada por CR complexas que interagem entre si e são produzidas por uma *comunidade verbal*. Enquanto espécie, o ser humano tem *sensações* corporais e, para tal, não precisa de uma comunidade socioverbal para responder a elas, pois *sensações* pertencem ao primeiro e segundo níveis de seleção, os quais *não privilegiam o outro*. No entanto, sem ser exposta a influências específicas de uma comunidade verbal, a pessoa responde ao que sente, mas não responde necessariamente ao contexto que a leva a sentir... Assim, algo que é gostoso pode controlar o comportamento de produzi-lo novamente, mas não é essencial *saber* que aquilo é gostoso. Tal consciência é produto social. Apenas enquanto membro de um grupo socioverbal a pessoa pode adquirir comportamentos de sentir. Sentir é comportamento que precisa ser instalado como qualquer outro. Tal aquisição envolve: 1. identificar a presença dos comportamentos de sentir e para isso a comunidade deve lhe perguntar: “O que você está sentindo?” e consequenciar diferencialmente as respostas verbais de descrever o que sente; 2. aprender a relacionar o que sente a eventos ambientais, os quais a levam a sentir as atividades ou respostas do organismo (ao relacionar atividades ou respostas com eventos que as evocam, a pessoa está dando o primeiro passo para identificar comportamentos específicos), ou seja, a comunidade verbal deve levar a pessoa a relacionar o que sente com as contingências de reforçamento que produzem tal sentir. A comunidade ensina seus membros a fazer tais relações perguntando: “O que aconteceu ou está ocorrendo que leva você a sentir o que me descreveu que está sentindo?”; 3. aprender a nomear os comportamentos de sentir: para tal, a comunidade verbal

deve dar modelos de termos, que têm a função de tatos verbais sob controle de comportamentos de sentir, evocados por determinados contextos ambientais, que são, tecnicamente falando, as contingências de reforçamento. Assim, alguém diz: “Que gostoso; o que tem nesse doce? Ah... depois que você disse até me dou conta... é canela... Você lembrou bem: é o “toque” da mamãe! Ninguém faz este doce como ela... Já experimentei sabores parecidos, não iguais ao que ela faz...” Finalmente, a pessoa passa a identificar o que sente, relacionar o que sente com as contingências de reforçamento que lhe deram origem e a atribuir-lhe um termo convencionado pela sua comunidade verbal, *na ausência de ajuda de pessoas da comunidade verbal*. Fala-se, então, em autoconhecimento: a pessoa identifica o que sente ou como se comporta, relaciona tal sentir e comportar-se com as contingências de reforçamento das quais são função e as nomeia, utilizando termos convencionados pela comunidade verbal.

### Em suma...

Importante característica comportamental que foi selecionada na espécie *Homo sapiens* – que interessa ao tema em discussão – é a convivência grupal. As pessoas sobrevivem graças às interações entre os membros do grupo humano, as quais constituíram contingências de reforçamento entrelaçadas. Os comportamentos de um membro do grupo têm várias possíveis funções de evento *antecedente* para comportamentos de outros membros, bem como têm, adicionalmente, várias possíveis funções de evento *consequente*. Tais CR entrelaçadas contribuíram para a sobrevivência do indivíduo, bem como para a sobrevivência do grupo. O ser humano não teve, como membro de uma espécie, a alternativa de sobreviver, nem de se desenvolver *isolado de outros membros da mesma espécie*. A vida “em conjunto permite sair do individualismo e construir um coletivo de solidariedade” (Philippe Meirieu)<sup>5</sup>. As novas configurações entre CR, que surgiram com a progressão da vida em grupo (com a evolução da Cultura), alteraram as influências interacionais entre os membros da espécie, mas nem sempre tais configurações serviram ao propósito de melhorar o indivíduo, nem o grupo – conforme foi alinhavado em linhas acima –, de tal maneira que alguns indivíduos se beneficiam dos comportamentos dos outros a curto prazo, mas pouco ou nada contribuem para ganhos dos outros e, a médio-longo prazo, todos perdem! O principal prejuízo recai, em dois aspectos, sobre aquele que se tornou dependente:

1. quebra-se a relação operante, em que comportamento produz consequência, o que resulta, conforme já foi assinalado, em déficits de comportamentos e sentimentos devastadores, assim como a consequente dependência do outro para sobreviver e se desenvolver. **“Nós não somos necessariamente felizes porque temos tudo o que queremos. A palavra saciado está relacionada à palavra triste.”** (Skinner, 1969, *Contingencies of Reinforcement*, p. 36)
2. impõem-se um isolamento social que se caracteriza pela quebra de reciprocidade: ele é cuidado pelo grupo social, mas não cuida do seu grupo. Dessa ruptura decorrem duas consequências:
  - a. os cuidadores do indivíduo compõem um grupo restrito (pais, irmãos...) que, quando se tornam impossibilitados de manter a função de proteção, não são substituídos por outros membros da sociedade, pois estes não oferecem o excesso de proteção que o indivíduo passou a necessitar;
  - b. o indivíduo dependente se torna alheio aos demais membros do grupo, exceto em relação àqueles comportamentos do outro que lhe trazem benefícios diretos. Tal indiferença inclui uma completa apatia afetiva em relação ao outro, quer seja o outro que está

---

<sup>5</sup> Em entrevista a Andrei Netto em Caderno Aliás, de *O Estado de São Paulo*, p. E2, 10 de maio de 2015.

próximo, quer seja aquele que está distante, a qual resulta em isolamento do indivíduo, exatamente ele próprio que mais necessita de interações sociais. Mesmo que tal distanciamento do outro possa não influenciar significativamente o outro mais distante dele, certamente influencia o outro próximo, que cuida dele. O cuidador se sente pouco amado, sente-se usado e, finalmente, passa a se sentir impotente, pois não consegue ajudar de forma eficaz o ser que se tornou dependente e, eventualmente, adoeceu. Adicionalmente, o próprio indivíduo é seriamente prejudicado em seu desenvolvimento global (comportamental e afetivamente), pois não se define como membro de um grupo socioverbal, ferindo uma característica básica dos componentes da espécie *Homo sapiens*.